

**A sexualidade de mulheres durante o climatério: percepções e vivências**  
**Sexuality of women during the climacteric: perceptions and experiences**  
**Sexualidad de las mujeres durante el climaterio: percepciones y vivencias**

Recebido: 21/07/2020 | Revisado: 07/08/2020 | Aceito: 11/08/2020 | Publicado: 16/08/2020

**Joice Moreira Schmalfluss**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0293-9957>

Universidade Federal da Fronteira Sul, Brasil

E-mail: [joicemschmalfluss@gmail.com](mailto:joicemschmalfluss@gmail.com)

**Graciela Dutra Sehnem**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4536-824X>

Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

E-mail: [graci\\_dutra@yahoo.com.br](mailto:graci_dutra@yahoo.com.br)

**Maíra Rossetto**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5683-4835>

Universidade Federal da Fronteira Sul, Brasil

E-mail: [mairarossetto@gmail.com](mailto:mairarossetto@gmail.com)

**Resumo**

Objetivo: conhecer as percepções e vivências de mulheres acerca da sexualidade durante o climatério. Metodologia: trata-se de um estudo de campo, descritivo, exploratório, de abordagem qualitativa, realizado por meio de entrevistas semiestruturadas com dez mulheres climatéricas, em uma Unidade Básica de Saúde. Os dados foram submetidos à análise de conteúdo do tipo temática. O estudo foi aprovado por Comitê de Ética em Pesquisa, CAAE número 05287312.0.0000.5323. Resultados: a sexualidade foi percebida de diferentes formas, apenas como relação sexual ou associada à feminilidade, sensualidade e cuidado de si. Foi manifestada a perda do desejo sexual e houve associação de um convívio conjugal baseado no diálogo e apoio para uma melhor vivência da sexualidade. Conclusão: é fundamental que o enfermeiro contemple, no desenvolvimento de ações de saúde, um olhar mais atento e singular em relação à sexualidade das mulheres climatéricas para que elas consigam vivenciar esta fase de forma saudável e qualitativa.

**Palavras-chave:** Climatério; Enfermagem; Saúde da mulher; Sexualidade.

## **Abstract**

Objective: know the perceptions and experiences of women concerning the sexuality during the climacteric. Methodology: this is a field study, descriptive, exploratory, in a qualitative approach, carried out with semi-structured interviews with ten climacteric women, at a Basic Health Unit. The data were submitted to thematic content analysis. The study was approved by the Ethics in Research Committee, CAAE number 05287312.0.0000.5323. Results: sexuality was noticed in different ways, only as sexual intercourse or associated to femininity, sensuality and care itself. The loss of sexual desire and there was an association to marriage coexistence based on the dialogue and support for a better experience of sexuality. Conclusion: it is important that the nurse contemplates, when performing health actions, a closer and unique look concerning the sexuality of climacteric women so that they can experience this moment in a healthy and qualitative way.

**Keywords:** Climacteric; Nursing; Women's health; Sexuality.

## **Resumen**

Objetivo: conocer las percepciones y vivencias de las mujeres acerca de la sexualidad durante el climaterio. Metodología: este es un estudio de campo, descriptivo, exploratorio, de abordaje cualitativo, realizado por medio de entrevistas semi-estructuradas con diez mujeres durante climatério, en una Unidad Básica de Salud. Los datos fueron sometidos a análisis de contenido temático. El estudio fue aprobado por el Comité de Ética en Pesquisa según CAAE número 05287312.0.0000.5323. Resultados: la sexualidad se percibió de diferentes formas, solo como relación sexual o asociada a la feminidad, a la sensualidad y al cuidado de sí. Se manifestó pérdida del deseo sexual y estuvo asociada con la convivencia conyugal basada en el diálogo y apoyo para una mejor vivencia de la sexualidad. Conclusión: es fundamental que el enfermero contemple, en el desarrollo de acciones de salud, una mirada más atenta y singular con relación a la sexualidad de las mujeres durante climaterio para que ellas logren vivir esta fase de forma saludable y de la mejor manera.

**Palabras clave:** Climaterio; Enfermería; Salud de la mujer; Sexualidad.

## **1. Introdução**

A saúde da mulher tem sua evolução dentro das políticas nacionais de saúde do Brasil, estando entrelaçada com a realidade histórica do país. Dessa forma, durante muito tempo, os programas e políticas públicas de atenção à saúde da mulher limitaram-se a atender as

demandas relacionadas ao ciclo gravídico, direcionando o planejamento das ações a um público peculiar - grávidas e crianças (Ministério da Saúde, 2009; Schmalfuss; Bonadiman & Prates, 2015).

O modelo de atenção voltado ao ciclo reprodutivo feminino foi muito criticado por não considerar relações de gênero ou direitos sexuais e reprodutivos da mulher (Frigo et al., 2016). Assim, durante as décadas de 30 a 70, os programas materno-infantis apresentavam caráter vertical e centralizados no Governo Federal, o que repercutia em uma assistência à saúde fragmentada e com impacto insuficiente nos indicadores de saúde da mulher (Ministério da Saúde, 2009).

A partir dos anos 70, esta característica reducionista dos programas foi questionada pelo Movimento Feminista Brasileiro, no sentido de interrogar a ausência de atenção à mulher nos demais momentos de sua vida. Em um processo que se une à própria construção do Sistema Único de Saúde (SUS), grupos de mulheres reivindicavam ações amplas que considerassem as singularidades sociais, econômicas, culturais e afetivas (Ministério da Saúde, 2009).

Neste anseio, no ano de 1984, nasceu o Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher (PAISM), elaborado pelo Ministério da Saúde. O PAISM surgiu a partir da constatação de que o atendimento às mulheres se encontrava, além de limitado, deficiente (Ministério da Saúde, 2011).

Assim, foram articuladas ações entre governo federal, estados e municípios com o objetivo de oferecer assistência integral clínica e ginecológica e educativa no pré-natal, parto e puerpério, além de ações em saúde abrangendo desde a adolescência até o climatério, de controle das Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST's), ações voltadas à prevenção e ao controle do câncer de colo uterino e de mama, bem como atividades de planejamento familiar (Ministério da Saúde, 2011).

O PAISM, mesmo que amplo em suas propostas, não satisfaz plenamente aos seus ideais, pois embora tenha mantido a perspectiva de atenção integral à mulher, perpetuaram-se dificuldades em trabalhar com questões relativas ao gênero e à raça, além de permanecerem lacunas em algumas áreas, como adolescência, saúde mental e atenção ao climatério e menopausa (Ministério da Saúde, 2009).

Nesse sentido, em 2003 foi estruturada a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher (PNAISM), que teve seus princípios e diretrizes debatidos com amplos segmentos sociais, incluindo o movimento de mulheres, o movimento negro e o de

trabalhadores rurais, além de pesquisadores da área, organizações não-governamentais e gestores do SUS (Ministério da Saúde, 2009).

A PNAISM, com vistas ao atendimento integral e humanizado, propôs a ampliação do acesso e qualificação da atenção à saúde da mulher no climatério (Ministério da Saúde, 2009). Porém, desde então, o sistema de saúde tem enfrentado dificuldades em assistir a essas mulheres, pois, muitas vezes, não são previstos espaços de acolhimento nos serviços de saúde (Ministério da Saúde, 2008).

O climatério é a etapa biológica que compreende uma transição na vida da mulher. É uma fase que varia de mulher para mulher, conforme sua diversidade e intensidade, com início por volta dos 40 anos, podendo estender-se até os 65 anos de idade (Ministério da Saúde, 2008).

No climatério ocorrem intensas transformações biológicas, psicológicas e sociais que exercem influência na forma como cada mulher vai vivenciar este período, considerando, ainda, a cultura no qual ela está inserida (Ministério da Saúde, 2008). Nesse processo podem surgir novos sentimentos e expectativas, o que pode levar a modificações no seu corpo e na forma de vivenciar a sua sexualidade (Perone et al., 2019).

No processo do climatério, normalmente, as mulheres percebem mudanças na vivência de sua sexualidade e estas, por sua vez, podem não ser valorizadas ou passarem a ser percebidas como desnecessárias (Freire et al., 2016). Como as políticas de saúde da mulher seguem focadas na manutenção do ciclo gravídico-puerperal, muitas vezes, as mulheres que estão na fase climatérica não são consideradas no contexto de cuidado dos serviços de saúde.

Assim, é importante que os profissionais de saúde que cuidam dessas mulheres, especialmente os enfermeiros, estejam preparados para prestar assistência qualificada, considerando as singularidades dessa etapa da vida (Freire et al., 2016; Aranha et al., 2016). Essa assistência precisa ser pautada em um cuidado humanizado e integral, no qual o enfermeiro desenvolva ações que propiciem à mulher a vivência saudável dessas transformações (Freire et al., 2016).

Desta forma, questiona-se: de que maneira as mulheres percebem e como vivenciam a sexualidade durante o climatério? Para responder a esta questão, foi definido o seguinte objetivo: conhecer as percepções e vivências de mulheres acerca da sexualidade durante o climatério.

## 2. Metodologia

Trata-se de um estudo de campo, descritivo, exploratório e com abordagem qualitativa (Pereira et al., 2018), realizado em uma Unidade Básica de Saúde (UBS) do município de Uruguaiana, Rio Grande do Sul (RS), onde são atendidas mulheres nas diversas fases de sua vida. Nessa UBS são realizadas diversas ações de saúde que envolvem a mulher na fase climatérica, tais como: consultas de Enfermagem, grupos de hipertensas e diabéticas e de atividades físicas, visitas domiciliares, entre outras atividades.

Foram selecionadas para participar deste estudo dez mulheres atendidas na referida UBS, sendo que o dimensionamento da quantidade de sujeitos pesquisados seguiu o critério de saturação dos dados, que se caracteriza quando nenhuma informação nova é acrescentada ao processo de pesquisa. Este critério denota o conhecimento formado pelo pesquisador, no campo, de que conseguiu compreender a lógica interna do grupo ou da coletividade em estudo.

As mulheres foram convidadas a participar do estudo a partir de contatos realizados antes ou após as consultas de Enfermagem, nos grupos de hipertensas e diabéticas e de atividades físicas, bem como em outros momentos que buscaram atendimento. Após o esclarecimento acerca da finalidade da pesquisa e da aprovação de cada mulher, as entrevistas foram agendadas, respeitando-se a disponibilidade de cada participante.

A inclusão das participantes na pesquisa seguiu os seguintes critérios: mulheres vinculadas à referida UBS; entre 40 e 65 anos que, conforme a Organização Mundial da Saúde (OMS), encontravam-se no período climatérico e também aquelas que estavam vivenciando o processo de menopausa; independentemente do estado civil, número de filhos, doenças e tratamentos. As mulheres que não responderam aos critérios anteriormente citados, bem como as que desistiram de participar, foram excluídas da pesquisa. A fim de preservar a identidade das participantes incluídas no estudo, estas foram identificadas com a letra “C” para climatério, seguidas pela numeração de um a dez (C1, C2, C3 e, assim, sucessivamente).

A produção de dados foi realizada entre os meses de setembro e novembro de 2012, em variados dias da semana. Como técnica de coleta de dados foi empregada a entrevista semiestruturada que contou com a utilização de um roteiro previamente definido, com questões guias, o qual serviu como fio condutor para que a entrevista não se desviasse do objetivo do estudo. As entrevistas tiveram uma duração média de 20 minutos, sendo realizadas nas dependências da UBS, registradas em um gravador digital do tipo *MP3 Player* e transcritas pela autora do estudo.

Foi utilizada a análise temática, proposta por Minayo, como técnica de análise de dados, composta pelas seguintes fases: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados obtidos e interpretação (Minayo, 2014). Esta análise resultou em dois temas que serão apresentados nos resultados e discussão.

Este estudo seguiu os preceitos éticos da Resolução número 466, de 12 de dezembro de 2012, que rege pesquisas envolvendo seres humanos (Ministério da Saúde, 2012), obtendo aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal do Pampa, sob parecer número 74907 e Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) número 05287312.0.0000.5323. Todas as participantes do estudo concordaram em participar da pesquisa mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

### **3. Resultados**

As dez mulheres entrevistadas tinham faixa etária entre 44 e 60 anos de idade. Quanto ao estado civil, a maioria era casada, sendo que uma encontrava-se separada, uma estava solteira e uma era viúva. Todas as participantes possuem mais de dois filhos. Quanto à escolaridade, grande parte delas possui o ensino fundamental incompleto, uma mulher cursou o ensino médio completo e uma possui o ensino superior incompleto. Em relação à vida profissional, a maioria das entrevistadas trabalha e possui renda familiar até um salário mínimo. Sobre a religiosidade, cinco mulheres afirmaram seguir o catolicismo, quatro a religião evangélica e uma era atea.

Após análise temática dos dados emergiram dois temas que serão apresentados a seguir.

#### **Percepções das mulheres acerca da sexualidade**

Neste estudo, o modo como as mulheres entendem a sexualidade foi expresso de diferentes formas. A percepção da sexualidade, para uma das entrevistadas, foi relacionada estritamente à relação sexual:

*Eu acho que (sexualidade) é fazer sexo (C7).*

Assim, percebe-se uma concepção simplista e biológica acerca de práticas que envolvem desde desejos até atitudes e sensações que se refletem em orientações sexuais.

Sob esta perspectiva, reforça-se a ideia reducionista de que a mulher no climatério não possui vida sexual e, menos ainda, vivências de outras formas de prazer e bem-estar consigo mesma, para além da relação com o outro. Porém, a dimensão coletiva do ser humano é, muitas vezes, a maior fonte de vivência da sexualidade, incluindo a relação da mulher com seu corpo, pensamentos e papéis sociais.

Legitimando esse entendimento amplo acerca da sexualidade, outros olhares também emergiram nas entrevistas, sendo verificados nas falas que seguem:

*Eu entendo que a sexualidade é o comportamento feminino de querer se arrumar, de querer ficar mais sexy [...] (C3).*

*Sexualidade não é só sexo, tudo faz parte, tem que se cuidar em tudo (C4).*

Reflete-se, aqui, a sexualidade de maneira vasta, envolvendo feminilidade, sensualidade e cuidado de si.

Compreende-se, então, a sexualidade enquanto característica que nasce com o ser humano e constitui-se durante toda a vida, marcada pelo contexto, cultura e relações vivenciadas, neste caso, pela mulher. Amplia-se, nesse momento, o conceito para um entendimento que inclui desde o ato sexual até práticas de vida, modos de ser e pensar.

### **Vivências da sexualidade durante o climatério**

No presente estudo, verificou-se que algumas mulheres apresentaram perda do desejo sexual e que, muitas vezes, isso as levou a sentir dificuldades nas suas relações a dois. Esse fato pode ser constatado nas falas:

*[...] se eu pudesse não fazer sexo era melhor [...]. Eu perdi completamente a vontade de fazer sexo [...] tenho dor, sinto calor, tem dias que não tenho vontade de fazer relação com ele, é muito complicado, às vezes ele não entende [...] (C8).*

*Modificou a falta de vontade de transar, isso aí diminui, isso aí atrapalha bastante a tua convivência sobre o sexo [...]. Porque a mulher já fica mais fria [...] (C10).*

Entende-se a vivência da sexualidade como bastante particular, por isso, enquanto algumas mulheres experimentam a minimização do desejo sexual, outras experimentam o exercício de uma sexualidade mais tranquila. Neste estudo, embora tenham sido manifestadas dificuldades decorrentes dos sintomas inerentes ao climatério, algumas mulheres manifestaram vivência otimista perante a sua sexualidade, buscando estar de bem consigo mesmas, além de compreenderem que aceitar as limitações e medos facilita a passagem por esse período.

Neste sentido, algumas entrevistadas referiram buscar, no convívio conjugal, o diálogo e o apoio necessários para uma melhor compreensão desta fase, conforme as falas seguintes:

*[...] (sexualidade) é a pessoa viver bem com o esposo, ter uma boa relação com ele, o homem entender a mulher, a mulher entender o homem, é isso que é sexualidade (C2).*

*É tu viver assim com teu companheiro, como que eu vou te explicar, companheirismo, muito amor e a compreensão [...] (C5).*

Considera-se de grande valia que a relação conjugal seja permeada de carinho e diálogo a fim de proporcionar, com o apoio do homem, um melhor entendimento dos sentimentos manifestados pela mulher. A acolhida da mulher climatérica pelo seu companheiro torna-se fundamental para a passagem dessa fase com mais saúde.

Enfatiza-se, a partir dos achados, o importante papel dos profissionais como promotores da saúde dessa mulher e apoiador no reconhecimento das necessidades, desejos e limites de cada uma, para que se sintam estimuladas a procurar ajuda, sempre que necessário, neste período de mudanças.

#### **4. Discussão**

A sexualidade conceitua-se como um entrelaçado de valores e práticas corporais, relacionada às concepções de vida de cada um e envolta pelas concepções da sociedade em que se vive. Logo, viver plenamente a sexualidade implica, para além do biológico, de modo a não cair em reducionismos e voltar ao determinismo de que o sexo é algo padronizado (Felix & Maciel, 2016). Por isso, apesar do caráter parcialmente orgânico e endógeno do comportamento sexual, é necessário ampliar e compreender as variáveis culturais da experiência do sujeito (Bodanese & Martins, 2017).

As mulheres que se encontram na fase climatérica possuem dificuldades quanto à vivência da sexualidade, advindas da forma como a percebem e de como a expressam pela relação com o corpo, nos relacionamentos afetivos e nas próprias alterações fisiológicas que ocorrem. Além disso, há um forte componente cultural que tendencia que mulheres com mais idade têm menor ou nenhum desejo sexual, embasando-se no fim do período reprodutivo (Felix & Maciel, 2016).

O entendimento de que a sexualidade compreende apenas o fazer sexo, como encontrado neste estudo, reforça um caráter hegemônico, que deriva de discursos que atrelam a vivência da sexualidade a uma perspectiva biologicista e reducionista, pensando atitudes normativas para a sexualidade, rotulando algumas como naturais e outras como desviantes (Bodanese & Martins, 2017). São os reflexos de uma cultura marcada por relações desiguais de gênero que naturalizam a passividade feminina e direcionam o desejo sexual ao sexo masculino, logo, às mulheres incumbe o sexo como essencialmente para a reprodução, levando homens e mulheres a entenderem a satisfação sexual de um modo diferente (Salazar-Molina; Klijn & Delgado, 2015).

Diante destas percepções de sexualidade, compreende-se que seu entendimento é singular e contextualizado com a construção pessoal de cada mulher. Acredita-se que estas percepções interferem diretamente na prática das relações e, conseqüentemente, na satisfação pessoal que a vivência saudável da sexualidade pode proporcionar.

Por isso a importância de considerar que a sexualidade envolve a dimensão individual e também coletiva do ser humano e perpassa pelo seu corpo, seus costumes, suas relações afetivas e sua cultura, sendo expressadas por meio de pensamentos, desejos, atitudes, valores, papéis e nos seus relacionamentos (Perone et al., 2019; Felix & Maciel, 2016; Serpa, 2020).

A sexualidade é característica essencial do ser humano e está presente durante toda a vida do indivíduo, e em todas as suas relações e comportamentos, sendo manifestada de diversas formas nos modos de vestir, agir, sentir, ou seja, nas suas atitudes (Felix & Maciel, 2016; Serpa, 2020).

Desta forma, compreender de maneira ampla a sexualidade e assumir as limitações impostas pelas mudanças corporais no climatério torna-se uma ferramenta importante para o amadurecimento da mulher enquanto sujeito e a empodera para viver de maneira mais natural essa fase da vida (Freire et al., 2016).

O entendimento de que envelhecer é inevitável para homens e mulheres e, nada mais é que tornar visível a passagem do tempo, torna-se fundamental. Nesse sentido, conceber as mudanças como um processo natural, aceitar suas limitações e redirecionar habilidades,

facilita a percepção e conseqüente vivência mais saudável da sexualidade (Silva; Pelzer & Neutzling, 2019). No entanto, esta vivência ainda é controversa, visto envolver uma variação de ideias conservadoras com outras liberais (Silva; Pelzer & Neutzling, 2019). O processo de envelhecer envolve limitações físicas e mudanças estéticas, conferindo ao tema da sexualidade uma importância de reflexão e discussão.

No que se refere ao público feminino, junto ao envelhecimento fisiológico, ocorre a chegada do climatério, comumente associado a momentos de ansiedade e medo, pois além da diminuição da atividade sexual, a mulher sente-se socialmente desvalorizada pelo fim da função de reproduzir (Felix & Maciel, 2016). Além disso, esse processo traz consigo a ideia de que a atração e o desejo são alcançados mediante a beleza e a jovialidade, sem considerar que o desejo depende mais da qualidade do relacionamento do que das circunstâncias da idade (Ministério da Saúde, 2008).

A diminuição do desejo sexual pode ocorrer em função da diminuição de estrogênio, levando a modificações significativas nos órgãos genitais internos e externos, manifestadas por atrofia urogenital. Esta manifestação caracteriza a perda ou redução da secreção vaginal, o que pode levar a mulher a ter mais dificuldades em ter relações sexuais e problemas conjugais (Ministério da Saúde, 2008; Felix & Maciel, 2016).

A perda ou redução da secreção vaginal acarreta a necessidade de um maior estímulo sexual a fim de se obter uma lubrificação vaginal satisfatória para a penetração. Quando isso não acontece, é comum que as mulheres se sintam ansiosas e insatisfeitas, pois além do ressecamento vaginal, podem apresentar prurido, irritação, ardência e sensação de pressão, fatores que colaboram para a dispareunia na relação sexual com penetração (Ministério da Saúde, 2008).

Apesar do exposto, é importante salientar que o climatério não necessariamente ocasionará diminuição do interesse sexual, pois embora a resposta sexual se torne mais lenta e menos intensa em função da diminuição de estrogênio, nem sempre este fato resultará em menor prazer e menor satisfação (Andrade et al., 2016). Isso dependerá mais do enfrentamento de cada mulher, bem como dos recursos que esta utilizará para amenizar a carência hormonal.

Ainda, é importante considerar que, no climatério, a ideia de satisfação se altera, sendo importante buscar formas variadas para exercer a sexualidade com motivação, compreensão de si e amadurecimento em procurar outras opções (Ministério da Saúde, 2008). Dentre as opções terapêuticas é preciso ponderar a que melhor se adequa às necessidades da mulher.

Desse modo, há alternativas que incluem desde a tradicional terapia hormonal até simples atividades físicas e abordagens de fitoterapia e acupuntura (Ministério da Saúde, 2008).

Com relação às vivências, observou-se também que algumas mulheres mantêm a relação sexual, apesar de não sentirem vontade, gerando frustração e, até dor. Sobre isso, sabe-se que algumas mulheres se sentem obrigadas à prática sexual para não criar desentendimentos e brigas com seus companheiros e, muitas vezes, há uma falta de compreensão do companheiro acerca do processo de mudanças (alterações clínicas e psíquicas) pelos quais a mulher passa. É nesse contexto que a sexualidade feminina acaba prejudicada e vivenciada de maneira negativa (Carvalho et al., 2018; Alves et al., 2015).

Em contraponto, a mulher contemporânea reivindica por mais compreensão, apoio e respeito por parte do seu companheiro, com vistas a respeitar a sua singularidade (Freitas et al., 2016). Desta forma, algumas mulheres exercem sua autonomia sobre o momento que querem ou não ter relação sexual com eles. Já o companheiro, quando existente, pode apresentar-se como aliado importante, pois a convivência com alguém que não compreende as modificações causadas pelo climatério pode favorecer o acontecimento de problemas conjugais e prejudicar a experiência da sexualidade (Salazar-Molina; Klijn & Delgado, 2015).

Nesse âmbito, o Ministério da Saúde ressalta, em suas orientações, a importância de que sejam desenvolvidas atividades educativas que proporcionem às mulheres climatéricas o conhecimento sobre as alterações que ocorrem nessa etapa (Ministério da Saúde, 2008). Nesse contexto, o enfermeiro pode atuar como facilitador quanto aos esclarecimentos prestados, auxiliando essas mulheres em todos os seus aspectos.

A consulta de Enfermagem individual e/ou com o casal pode ser estratégia de auxílio em relação ao autoconhecimento das mulheres e do par nessa fase de vida. Além disso, a criação de grupos de convivência entre mulheres climatéricas pode ser um método empregado por esse profissional, possibilitando discussão e maior compreensão das inúmeras mudanças vivenciadas por elas (Freire et al., 2016).

Por meio de um olhar crítico e holístico, o enfermeiro pode adaptar o cuidado de Enfermagem a partir das necessidades apresentadas por cada mulher e, conseqüentemente, avaliar as intervenções direcionadas a essa importante parcela do público feminino (Schmalfuss; Bonadiman & Prates, 2015).

Assim, evidenciadas as dificuldades expostas por algumas entrevistadas, faz-se necessário ter um olhar mais atento para este público, pois este necessita de apoio e informação profissional acerca dos sintomas e ferramentas que podem acionar para que esta fase seja satisfatória e não marcada por momentos de angústias.

## 5. Considerações Finais

Acredita-se que a sexualidade envolve valores individuais influenciados por concepções sociais e culturais, o que pode ocasionar dificuldades quanto a uma vivência saudável para mulheres no climatério.

Observou-se que a percepção da sexualidade é compreendida a partir de uma visão simplista e biológica, atrelada apenas à relação sexual e, por sua vez, esse entendimento reflete uma cultura marcada por relações desiguais de gênero, as quais naturalizam a identidade feminina enquanto passiva. Porém, outra perspectiva por parte das entrevistadas evidenciou que a sexualidade é percebida de uma maneira ampliada, associada à feminilidade, sensualidade e cuidado de si. Acredita-se que essa concepção envolve uma construção cultural e social diferenciada e que facilita o entendimento do processo de envelhecimento e, conseqüentemente, a vivência do climatério e da sexualidade de forma mais natural.

No que se refere às vivências da sexualidade durante o climatério, compreende-se que diante das limitações físicas, mudanças fisiológicas e estéticas inerentes, é intrínseco que ocorram alterações na vivência da sexualidade. Neste estudo, verificou-se que algumas mulheres apresentaram perda do desejo sexual o que, muitas vezes, levou-as a sentir dificuldades nas suas vivências conjugais.

Diante disso, é importante salientar que o climatério não necessariamente ocasione diminuição do interesse sexual e acredita-se que isso dependerá da construção de vida da mulher, bem como, dos recursos que esta utilizará para amenizar a carência hormonal.

Frente a estas dificuldades, algumas entrevistadas referiram buscar, no convívio conjugal, o diálogo e o apoio necessários para uma melhor compreensão desta fase. Assim sendo, é importante que a relação conjugal seja permeada pela dialogicidade, a fim de proporcionar ao companheiro um melhor entendimento dos sentimentos manifestados pela mulher.

Considera-se, com isso, relevante a inclusão do parceiro durante as consultas de Enfermagem com vistas a esclarecer a este sujeito os aspectos do climatério e fortalecer seu entendimento e compreensão acerca da fase de vida que sua companheira se encontra.

Verifica-se, então, a importância do enfermeiro no desenvolvimento de ações em saúde que priorizem uma escuta qualificada, incentivando cada mulher ao exercício do protagonismo de sua vida, bem como, facilitando o convívio saudável com estas modificações que, inevitavelmente, irão acometê-la. É imprescindível que este profissional reavalie e

programe suas estratégias de cuidado a fim de promover suporte adequado à saúde da mulher climatérica.

Por fim, sugere-se a realização de trabalhos futuros a respeito dessa temática a fim de que mais evidências científicas sejam construídas e, assim, auxiliem essa parcela da população feminina, servindo de respaldo para a atuação de profissionais de saúde que prestam assistência a esse público.

## Referências

Alves, E. R. P., Costa, A. M., Bezerra, S. M. M. S., Nakano, A. M. S., Cavalcanti, A. M. T. S., & Dias, M. D. (2015). Climatério: a intensidade dos sintomas e o desempenho sexual. *Texto & Contexto Enfermagem*, 24(1), 64-71.

Andrade, A. R. L., Freitas, C. M. S. M., Riegert, I. T., Arruda, H. N. A., Costa, D. A., & Costa, A. M. (2016). Cuidado de enfermagem à sexualidade da mulher no climatério: reflexões sob a ótica da fenomenologia. *Revista Mineira de Enfermagem*, 20(e964), 1-4.

Aranha, J. S., Lima, C. B., Lima, M. N. F. A., & Nobre, J. O. C. (2016). Climatério e menopausa: percepção de mulheres usuárias da estratégia saúde da família. *Temas em Saúde*, 16(2), 588-612.

Bodanese, G. R., & Martins, M. E. (2017). Sexualidade, comportamento sexual e cultura—reflexões e articulações teóricas. *Psicologia.pt*, 1-12.

Carvalho, M. L., Silva Júnior, F. J. G., Parente, A. C. M., & Sales, J. C. S. (2018). Influência do climatério em relacionamentos conjugais: perspectiva de gênero. *Revista Rene*, 19(e32617), 1-9.

Felix, C. A., & Maciel, E. S. (2016). *A sexualidade da mulher no climatério*. Especialização em Enfermagem Obstétrica. Escola de Medicina e Saúde Pública Bahiana, Salvador. 19p. Recuperado de [http://www.repositorio.bahiana.edu.br/jspui/bitstream/bahiana/734/1/TCC\\_%20A%20SEXUALIDADE%20DA%20MULHER%20NO%20CLIMAT%3%89RIO.pdf](http://www.repositorio.bahiana.edu.br/jspui/bitstream/bahiana/734/1/TCC_%20A%20SEXUALIDADE%20DA%20MULHER%20NO%20CLIMAT%3%89RIO.pdf).

Freire, A. L., Araújo, K. S., Vila, A. C. D., & Araújo, M. A. S. (2016). Assistência de enfermagem à mulher no climatério e sua sexualidade: relato de experiência na atenção básica. *Revista Eletrônica de Trabalhos Acadêmicos – Universo*, 1(1), 1-12.

Freitas, E. R., Barbosa, A. J. G., Reis, G. A., Ramada, R. F., Moreira, L. C., Gomes, L. B., Vieira, I. D., & Teixeira, J. M. S. (2016). Educação em saúde para mulheres no climatério: impactos na qualidade de vida. *Reprodução e Climatério*, 31(1), 37-43.

Frigo, J., Oliveira, D. L. L. C., Rodrigues, R. M., & Zooche, D. A. A. (2016). A consulta ginecológica e seu potencial para produzir a integralidade da atenção em saúde. *Revista de Enfermagem UFPE*, 10(4), 1299-1306.

Minayo, M. C. S. (2014). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 14ª ed. São Paulo: Hucitec.

Ministério da Saúde (BR). Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. *Manual de atenção à mulher no climatério/menopausa*. Brasília (DF): Editora do Ministério da Saúde, 2008.

Ministério da Saúde (BR). Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. *Política nacional de atenção integral à saúde da mulher: princípios e diretrizes*. Brasília (DF): Editora do Ministério da Saúde, 2009.

Ministério da Saúde (BR). Secretaria de Atenção à Saúde. *Política nacional de atenção à saúde da mulher: princípios e diretrizes*. Brasília (DF): Editora do Ministério da Saúde, 2011.

Ministério da Saúde. Resolução número 466/2012. *Diretrizes e Normas regulamentadoras em Pesquisas envolvendo Seres Humanos*. Brasília (DF): Conselho Nacional de Saúde, 2012.

Pereira, A. S., et al. (2018). *Metodologia da pesquisa científica*. [e-book]. Santa Maria. Ed. UAB/NTE/UFSM. Recuperado de [https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/15824/Lic\\_Computacao\\_Metodologia-Pesquisa-Cientifica.pdf?sequence=1](https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/15824/Lic_Computacao_Metodologia-Pesquisa-Cientifica.pdf?sequence=1).

Perone, G. A., Ferraz, T. M. M., Pinheiro, V. A., & Jeneral, R. B. R. (2019). Percepção das mulheres no climatério em relação à sexualidade, à prevenção de doenças sexualmente transmissíveis e à qualidade da assistência pelos profissionais da saúde. *Revista da Faculdade de Ciências Médicas de Sorocaba*, 21(2), 77-82.

Salazar-Molina, A., Klijn, T. P., & Delgado, J. B. (2015). Satisfação sexual nos casais durante o climatério feminino e masculino. *Cadernos de Saúde Pública*, 15(2), 311-320.

Schmalfuss, J. M., Bonadiman, P. O. B., & Prates, L. A. (2015). *Cuidado de Enfermagem na saúde da mulher adulta*. In: Hammerschmidt, K. S. A. Cuidado de Enfermagem: interfaces teóricas e práticas no ciclo vital do ser humano. Curitiba: Editora CRV.

Serpa, M. A. (2020). *A percepção do climatério e menopausa por mulheres de Ouro preto – MG*. Tese Doutorado, Universidade Federal de Ouro Preto. Programa de Pós Graduação em Ciência Farmacêutica. 119p.

Silva, F. G., Pelzer, M. T., & Neutzling, B. R. S. (2019). Atitudes das idosas quanto à expressão da sua sexualidade. *Aquichan*, 19(3),1-13.

#### **Porcentagem de contribuição de cada autor no manuscrito**

Joice Moreira Schmalfuss – 40 %

Graciela Dutra Sehnem – 30%

Maíra Rossetto – 30 %